

## O INCÊNDIO DO EDIFÍCIO JOELMA (II) [CRIME DO ESTADO CONTRA OS DIREITOS HUMANOS]

### Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

O incêndio do Joelma em 1974 está tatuado no imaginário paulistano e costuma ser lembrado em associação ao incêndio do Edifício Andraus. A sequência de mortes em edifícios comerciais que ceifaram vidas trabalhadoras, muitas em início de suas carreiras, algumas até aprendizes, perturba, desconcerta, marca, assombra... Quantos mais precisarão morrer até que a indignação da sociedade supere o descaso e o cinismo? O locatário do Edifício Joelma era o Banco Crefisul de Investimentos. O Andraus - alugado pelas multinacionais Henkel e Siemens - flamejou em 1972 também por sobrecarga no sistema elétrico, cujos responsáveis haviam recebido aviso da empresa de energia de São Paulo. Alegações de que a legislação de segurança à época do incêndio não previam itens "x" ou "y" não se sustentam. Locatários, condôminos e acionistas do porte de um banco de investimentos e das multinacionais, e grandes empregadores, deveriam atentar à preservação da saúde e da vida de seus trabalhadores. O cumprimento burocrático de normas de segurança é cínico e revela descaso para com os empregados. O descumprimento dessas normas é criminoso. O incêndio do Joelma quase teve sucessor em 1994 pelo descumprimento de normas de segurança. Restaurado em quatro anos, reinaugurado em 1978 como "Novo Joelma", o relançamento de salas comerciais alardeava os padrões de segurança. O mesmo dizia, em 1969, a *Joelma S/A-Importadora, Comercial e Construtora*, que ergueu o prédio, inaugurado em 1972 com estrutura em concreto armado, vedação externa de tijolos ociosos, fachada de ladrilhos, janelas de vidro e alumínio, telhas de amianto. Não havia heliponto, portas corta-fogo, *sprinklers* [borrifadores de água termo-acionados], escadas de incêndio nem rotas de fuga. Alugado pelo Banco Crefisul de Investimentos, as salas do 11º ao 25º (dispostas em duas torres com escadas no vão central) receberam divisórias, pisos acarpetados, cortinas e forros sintéticos, móveis de madeira e outros inflamáveis, mas as mangueiras contra incêndio não funcionaram. Vinte anos após o primeiro crime (04/02/1994), o descaso 'planejava' um segundo crime ..... no Novo Joelma. De surpresa, órgãos municipais de controle da construção e habitação de imóveis da capital paulista realizaram uma inspeção no 'novo' edifício e constataram negligência com a segurança: casa das máquinas com sobrecarga e risco iminente de novo incêndio criminoso, heliponto sem espaço para pouso de helicópteros, para-raios radioativo ineficaz e de uso proibido no Brasil, falta de extintores de incêndio, quadros de luz com fiação exposta etc. Interditado! (veja) Dois sobreviventes do incêndio revisitaram o prédio em 1994, recordaram as horas agarrados a uma janela do 22º andar e a perda de 26 amigos. [Assista](#) a inspeção e a indignação do Contador Mauro Lugheri Filho: "Num templo como esse, de morte, que deveria ser um exemplo p'ra cidade, acho isso absolutamente lamentável, isso é imperdoável. E também acho um bom momento para levar as questões de risco, de segurança, para as pessoas que trabalham nos edifícios a sério." (Jornal Nacional, 04/02/1994) Relembrar Crimes do Estado contra os Direitos Humanos é evitar que se repitam. Atribuição do Estado! A carbonização de 13 trabalhadores/as presas no elevador, ao tentarem desesperadamente escapar e que não puderam ser identificadas, originou um culto religioso em torno de suas sepulturas a quem são atribuídos milagres. No local construiu-se a "[Capela das Treze Almas](#)" no Cemitério São Pedro. No imaginário popular, essas treze almas seriam reencarnações de pessoas envolvidas no "crime do poço" ocorrido em 1948 na casa derrubada para a construção do Joelma (veja). A devoção nascida de relatos e diversas crenças religiosas como o budismo e kardecismo, mobilizou Chico Xavier, que psicografa algumas dessas histórias em seu livro "Somos Seis" (transformado em filme homônimo). "[O enigma do Edifício Joelma](#)" (Linha Direta, TV Globo, 30/06/2005) investiga possíveis mistérios associados ao crime. A elaboração desse trauma coletivo pela religiosidade é merecedora de respeito. Mas é a fé - atributo da perseverança - e a luta - atributo da indignação - que poderão garantir justiça no sentido amplo de acauteladora e restauradora dos direitos humanos. Relembrar Crimes do Estado contra os Direitos Humanos é ter fé e lutar para que não se repitam.

Este é o papel da sociedade!



<https://folhavponline.com.br/2015/10/tumulos-das-13-almas-precisam-de-manutencao/>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.